

**CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO ONLINE:
EXPERIENCIANDO O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE
PESQUISADORES**

03 DE MAIO DE 2005

083-TC-C3

Adriana Rocha Bruno

PUCSP – adriana@brunopecanha.com.br

Adriana Aparecida de Lima Terçariol

PUCSP - adrianatercariol@terra.com.br

Ednilson Aparecido Guioti

ednilsonguioti@uol.com.br

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida

PUCSP – bbalmeida@uol.com.br

Categoria C

Setor educacional – 03

Natureza do Trabalho: A

RESUMO

O presente trabalho é um convite à reflexão de alguns pontos que emergem das interações em ambientes de aprendizagem via telemática, à luz de conceitos como Interação, Valores e Linguagem Emocional. Para tanto, optamos pela análise do fórum “Aprendizagem Colaborativa e Paradigma Emergente”, do Curso “Formação de Professores em Ambientes Digitais”, oferecido por professores da PUC/SP/Brasil, aos alunos da Pós-Graduação (mestrado e doutorado) do Programa de Educação: Currículo, no segundo semestre de 2003. Ao longo dessa análise lançamos um olhar mais profundo frente aos conceitos estudados, desvelados por mergulhos consecutivos nas teorias e na observação da prática ocorrida nesta ferramenta de aprendizagem. Como resultado salientamos a riqueza de subsídios teóricos e práticos adquiridos a partir dessa vivência, oportunizando assim um aprimoramento de nossa formação como pesquisadores, bem como formadores e alunos de cursos virtuais.

Palavras-chaves: *Formação de Educadores; Educação a Distância; Interação; Valores e Linguagem Emocional.*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, inúmeras são as legislações que prevêm o crescimento da Educação a Distância (EaD) em várias modalidades de ensino. Assim, a partir dessas legislações, algumas instituições começam a utilizar mais intensivamente a EaD de maneira que lhes permita ir, progressivamente, assimilando a nova modalidade e ao mesmo tempo adequando as suas possibilidades de atendimento em razão das peculiaridades regionais e culturais.

Nesse sentido, as experiências que se encontram em desenvolvimento caracterizam-se como oportunidades promissoras em diferentes áreas, dentre elas destacamos os cursos de Pós-Graduação que têm investido significativamente em experiências que possibilitem aos alunos vivenciar e refletir teorias, práticas e propostas de formação, por meio de ambientes online. Uma vez que a EaD, além de permitir articular a teoria e a prática, propicia a profissionalização e aperfeiçoamento de populações geograficamente dispersas, oportunizando-lhes o acesso a um processo de formação de qualidade.

Além disso, “a utilização de métodos e técnicas da educação a distância na oferta de cursos de Pós-graduação, tanto no sentido lato como no stricto sensu possibilita que o processo educativo envolva um amplo espectro de opções de recursos pedagógicos e de pesquisas” (ROCCO, 2005, p. 01) que, unidos ao potencial de contribuição das tecnologias de informação e comunicação, favorecem que a oferta de cursos de Pós-graduação seja efetivada com eficiência e sem perda da qualidade.

Assim, mais do que estudar, analisar e ministrar cursos na modalidade a distância, é imprescindível que os alunos dos cursos de Pós-Graduação participem deste processo sentindo “na pele” como é um curso online do ponto de vista do “ser aluno”, para que redimensionem seu olhar, estabelecendo articulações consistentes entre a teoria e a prática.

Temos desenvolvido diversas pesquisas na área de Educação a Distância e são muitos os aspectos a serem debatidos. Os espaços acadêmicos têm sido a cada dia mais procurados para o debate sobre este tema, porém, especificamente, para a formação a

distância.

A formação de formadores para atuarem em cursos a distância incita-nos promover práticas sobre educação em ambientes telemáticos e desse modo o Curso de Pós-Graduação em Educação: Currículo da PUCSP tem proporcionado a seus alunos, em diversas disciplinas, a vivência em cursos online, na qual os mesmos possam debater e construir coletivamente conhecimentos sobre educação a distância, desenvolver pesquisas na área e, pela prática, propor cursos online mais consistentes e de qualidade nesta nova modalidade que se expande a cada dia no país.

Estaremos apresentando aqui uma destas experiências, desenvolvida com alunos do mestrado e doutorado do Curso de Pós-Graduação em Educação: Currículo (CED) na linha de pesquisa “Novas Tecnologias em Educação”, numa das disciplinas oferecidas no ano de 2004.

Esta disciplina, oferecida na modalidade semi-presencial, teve como um dos propósitos a análise de um curso oferecido pelo Programa CED em 2003, no qual os alunos também experienciaram desenvolver pesquisas sobre EaD, por meio de interações semi-presenciais.

Parte desta análise será socializada neste artigo, com o intuito de contribuir com as pesquisas desenvolvidas pelos cursos de Pós-Graduação em EaD, compreendendo a necessidade premente de formar pesquisadores-educadores atuantes e conscientes na área de educação a distância.

2. INTERAÇÃO, VALORES E LINGUAGEM EMOCIONAL: ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

Alguns temas permeiam nossa prática pedagógica levando-nos a reflexões recursivas que intentam maximizar nossos olhares e transformar posturas ante ao novo que emerge cotidianamente no universo educacional.

Deste exercício constante, algumas questões ecoam em cada um de nós, levando-nos a buscar caminhos para mudanças praxiológicas: como promover, via telemática, ambientes efetivamente colaborativos? Que valores emergem das interações promovidas em fóruns de discussão e de que forma eles podem e devem ser trabalhos? De que forma a linguagem utilizada nestes ambientes podem promover interações e reflexões mais complexas?

Estas questões são amplas em demasia e não pretendemos neste artigo apresentar respostas certas ou “receitas” prontas, mas esperamos contribuir com caminhos possíveis que levem a outras reflexões e, por que não, a outros questionamentos, e fundamentalmente a reflexões que indiquem que “mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2000, p.55).

Para ALMEIDA (2003) a "interação diz respeito à ação recíproca com mútua influência nos elementos inter-relacionados (...) a interação caracteriza-se pela ação de ouvir, ver, ler as informações veiculadas" (p. 203 - 204). Segundo a autora, alguns estudiosos concebem a interatividade como "um potencial de propiciar a interação, mas não como um ato em si mesmo" (ibid).

Pesquisas realizadas por BRUNO (2002) apontam que em situações de aprendizagem on-line, os participantes utilizam-se da *Linguagem Emocional*¹ para estabelecer a interação. A Linguagem Emocional utilizada nestes ambientes evidencia a relevância de uma investigação acerca do “Tom” da escrita nestes ambientes, onde “o

‘tom’ utilizado pelo mediador pedagógico no início e no processo de interação pode influenciar o tipo de resposta do interlocutor” (BRUNO, 2002, p. 206).

A expressão das emoções está totalmente relacionada aos valores, mesmo porque, os valores, enquanto expressões culturais, caracterizam-se como o reflexo das emoções e do pensamento do sujeito ou de uma determinada sociedade/comunidade e isto se dá de acordo com a cultura. Como sabemos, algumas culturas valorizam de formas diferentes determinados valores, propiciando assim mais a expressão de determinadas emoções, mas isto não quer dizer, no entanto, que os indivíduos não sintam essas emoções.

BUXARRAIS (1997), concordando com as atuais interpretações da Psicologia Cognitiva, ressalta que na abordagem Construtivista o valor é um aspecto elaborado e idealizado pelo sujeito para entender, codificar e representar o mundo. Aponta ainda que o valor tem múltiplas faces e pode ser contemplado de variados ângulos. De uma visão metafísica, os valores são importantes por si mesmos, de uma visão psicológica são subjetivos e válidos se o sujeito o estabelece assim. Porém, também são circunstanciais e dependem do momento histórico, cultural e da situação física onde surgem.

Dessa forma, a Educação que apresenta como objetivo o desenvolvimento do indivíduo como um todo e sua socialização, se utiliza dos valores que permeiam uma determinada sociedade e cultura para expressar emoções e afetos. Vale salientar que, pontuamos a influência das emoções ou dos aspectos emocionais, presentes na linguagem, como importante fator nas interações.

Portanto, como nos ambientes de aprendizagem via telemática, o uso da linguagem escrita, como meio de comunicação e expressão de idéias, sentimentos e valores são mais freqüentes, devemos nos preocupar também com o tipo de linguagem emocional utilizada e de que forma esta linguagem interfere nas interações e no processo de aprendizagem. Uma vez que, é por meio da linguagem estabelecida nesse ambiente que a vivência de alguns valores poderá ser efetivada, levando alunos e formadores a um processo de reflexão sobre as relações estabelecidas no desenvolvimento das atividades.

Diante deste contexto, no processo de formação os educadores precisam ter a oportunidade de vivenciar e refletir a respeito de uma educação voltada para o desenvolvimento de certos valores, mediados por uma Linguagem Emocional congruente, que crie circunstâncias onde a cooperação, a solidariedade, o respeito, a responsabilidade, o diálogo, entre outros, promovam condições de re-significar a sua prática pedagógica e depurá-la, visando à formação integral dos educandos, em um ambiente de aprendizagem mais democrático e humano.

Assim, estaremos explicitando, a seguir, como os valores diálogo, respeito e cooperação, por meio da linguagem emocional, puderam ser contemplados nas interações estabelecidas entre formadores e alunos do curso “*Formação de Professores em Ambientes Digitais*”² no fórum “*Aprendizagem Colaborativa e Paradigma Emergente*”.

2.1 DIÁLOGO

A fim de instigar o início do diálogo no Fórum “Aprendizagem Colaborativa e Paradigma Emergente” os alunos foram desafiados a levantarem questões articulando as vivências propiciadas no curso e as idéias de Marilda Behrens (2000) mencionadas no artigo “Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente”. Assim, oportunizou-se o início de um processo de reflexão, aliando-se teoria e prática.

De acordo com FREIRE (1997, p. 69) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

A partir da análise do texto, a importância de se criar um ambiente democrático, baseado no diálogo, para o estabelecimento de uma nova relação entre educador e aluno pôde ser percebida pelos alunos do curso “Formação de Professores em Ambientes Digitais”, como se evidencia no trecho a seguir:

Nesse paradigma emergente a função de educador ultrapassa o papel de preceptor e fica a serviço da emancipação dos educandos. Assim, o diálogo e a colaboração passam a ser condições necessárias para estabelecer a relação professor/aluno. (Aluno 1)

Vale salientar que a maioria dos motivos que impulsionam a implantação de uma Educação preocupada em promover alguns valores, se utilizando de Linguagem Emocional intencional em um ambiente de aprendizagem, constitui a necessidade de valorizar, manter e reforçar a democracia, para que ela contribua com a formação de alguns de nossos hábitos pessoais de relação com os demais. Mesmo com suas limitações, a democracia possibilita a exposição dos conflitos de valor que emergem a partir da vida coletiva através do diálogo e ao mesmo tempo possibilita a criação e recriação de princípios e normas.

Assim, neste ambiente virtual, para que ocorresse uma real aprendizagem colaborativa, criou-se um ambiente democrático no qual todos puderam ser ouvidos e percebidos. Mas, isso somente foi possível porque a abordagem do curso favoreceu um processo de formação de educadores enfatizando *o estar junto virtual* (VALENTE, 2000 apud PRADO; MARTINS, 2004, p. 02). De acordo com os autores, nesta abordagem “o papel do formador é de acompanhar e assessorar o aluno, criando situações de aprendizagem que lhe possa ser significativa” (PRADO; MARTINS, 2004, p. 02).

Além disso, cabe aos formadores criar diferentes estratégias para que o diálogo seja estimulado e vivenciado, propiciando assim uma interação entre alunos-alunos e alunos-formadores, pois “é na troca de idéias e de experiências que surgem novas referências, questionamentos, dúvidas e buscas de novas compreensões” (PRADO; MARTINS, 2004, p. 02). No curso em questão, alunos e formadores refletiram coletivamente a fim de buscarem novas estratégias para estimular o diálogo no grupo, como se evidencia no registro de um dos formadores abaixo:

O que podemos fazer para estimular o dialogo entre as pessoas neste momento de nosso curso em que os alunos se voltam p/ as produções individuais? (Formador 1)

Esta indagação surgiu a partir de uma preocupação emergida ao longo do desenvolvimento de uma atividade individual. Momento este em que todos haviam se recolhido para realizar suas ações, deixando de dialogarem uns com os outros. Destaca-se nesse instante uma reflexão acerca do silêncio por parte do alunos no curso. Em busca de soluções para este problema uma das alunas sugeriu o uso da ferramenta “Diário de Bordo”, uma vez que este recurso possui a opção de alunos e formadores dialogarem entre si por meio de comentários realizados em relação aos depoimentos socializados em cada diário. E para o uso desta ferramenta uma outra aluna mencionou:

O espaço poderá passar um pouco de afetividade no sentido de afetar e ser afetado pelo outro para a ação. Eu agora mesmo já externei os meus sentimentos, será que os colegas não gostariam de fazer o mesmo? (aluna 2)

Do ponto de vista da Linguagem Emocional (BRUNO, 2002), o que a aluna acima propõe é o que podemos chamar de intimização, ou seja, buscar, por meio das relações emergentes co-construídas num curso cuja abordagem é o *estar junto virtualmente* (grifo nosso), incentivar os participantes à expressão de suas dificuldades, sentimentos, de forma a investigarem, coletivamente, o que de fato estaria ocorrendo com cada um e de que forma isto poderia estar interferindo, neste caso, na aprendizagem colaborativa.

O caminho escolhido pela aluna anteriormente citada teve seu foco no fazer, e portanto, ela se expôs, abriu seus sentimentos, explicitou aflições vivenciadas, com o propósito de instigar o grupo em questão ao que BRUNO (2002) chama de “contágio” emocional, ou seja, “a capacidade que temos de criar situações que podem interferir e até induzir emoções no outro” (BRUNO, 2002, p. 179). Desse modo, há um convite, um chamamento para que outros possam, assim como ela o fez, compartilharem daquele momento e daquele espaço que fora aberto.

A mediadora, em resposta, não ignora as propostas da aluna, mas também não estimula o grupo nesta direção. Sua resposta pode estar relacionada ao respeito ao foco inicialmente proposto: articular o que estava sendo vivenciado pelo grupo no curso com as idéias apresentadas no texto de Marilda Behrens.

Cabe ressaltar ainda que os cursistas ao interagirem neste fórum puderam refletir sobre a importância de se criar estratégias para que o diálogo seja efetivado no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que em um ambiente virtual ele se torna fundamental. Por isso, faz-se necessário “empreender projetos que privilegiem uma relação dialógica” (FREIRE, 1997) e que “permitam ao professor e ao aluno aprender a aprender, num processo coletivo para a produção do conhecimento” (BEHRENS, 2000, p. 10).

Nesse sentido, novos conhecimentos podem ser produzidos, uma vez que os cursistas têm a oportunidade de re-elaborarem suas idéias a partir de questionamentos e um confronto com os depoimentos dos colegas, bem como pela busca de novas fontes de informações que, a cada instante, os instigam a novas reflexões e relações.

2.2 RESPEITO

A partir da dinâmica proposta no curso, permeado por textos e fundamentalmente mediada pelos formadores, os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre a importância do respeito às diferenças, uma vez que constataram que a “a qualidade e a relevância da produção depende também dos talentos individuais dos alunos que passam a ser considerados como portadores de inteligências múltiplas. Inteligências que vão além das lingüísticas e do raciocínio matemático que a escola vem oferecendo” (BEHRENS, 2000, p. 08).

Os sujeitos envolvidos no processo ao interagirem neste ambiente digital demonstraram um maior respeito aos ritmos pessoais, às diferenças sociais e culturais, às trajetórias e histórias de vida individuais, contribuindo assim para o processo de construção da autonomia intelectual e política, bem como ao resgate da auto-estima pessoal e profissional.

Nesse sentido, reconheceram que torna-se fundamental os educadores considerarem e valorizarem as diferentes inteligências de seus alunos, dentre elas: espacial, interpessoal, intrapessoal, cinestésica corporal, lingüística ou verbal, lógico-matemática, musical, naturalista e emocional (GARDNER, 1994, GOLEMAN, 1996 apud BEHRENS, 2000, p. 08).

Contudo, faz-se necessário desequilibrar os educadores de modo que percebam a necessidade de reverem suas práticas, reconhecendo que na sociedade do conhecimento não é mais possível valorizar apenas a inteligência lingüística e a lógico-matemática, menosprezando as demais. Esta é uma atitude arcaica que não contradiz com as exigências atuais de respeito à diversidade e formação para a cidadania. Mas...

Como despertar essa postura em um processo de formação de professores que muitas vezes estão arraigados à prática tradicional e alheios aos novos paradigmas? (aluno 3)

Para tanto, os alunos mencionam a urgência de se rever o processo de formação inicial dos educadores, pois na maioria dos cursos as posturas adotadas pelos professores universitários são fundamentadas em abordagens tradicionais que desrespeitam a diversidade cultural, social, étnica e política em sala de aula. Infelizmente, isto se reflete na postura que os futuros educadores estarão adotando em suas respectivas salas de aula, sejam elas, presenciais ou virtuais, pois a tendência é refletirem em suas práticas o modelo de formação vivenciado. Por outro lado, os alunos do curso em questão mencionam que:

Em nosso curso ficou evidente a preocupação dos formadores em diversificar as mídias e explorar nossas diversas capacidades. (aluno 02)

Isso evidencia que a postura adotada pelos formadores neste curso procurou respeitar e considerar as múltiplas inteligências e os diferentes estilos de aprendizagem, uma vez que proporcionaram o desenvolvimento de diversas atividades utilizando diferentes ferramentas, dentre elas: fórum, bate-papo, diário de bordo, correio, entre outras. ALMEIDA (2001), salienta que ao desenvolver atividades em ambientes Construcionistas³, proporciona-se um espaço para que as diferenças sejam respeitadas e valorizadas.

Vale salientar que, algumas destas atividades foram realizadas em grupo, propiciando também o exercício do respeito mútuo. De acordo com PIAGET (1996 apud TERÇARIOL, 2003, p. 13), podemos distinguir dois tipos de respeito. Em primeiro lugar, há o respeito unilateral que implica uma desigualdade entre aquele que respeita e aquele que é respeitado. Este respeito implica uma coação do superior sobre o inferior; é, pois, característico de uma primeira forma de relação social denominada de relação de coação. Em segundo lugar, existe o respeito mútuo no qual os indivíduos que estão em contato se consideram como iguais e se respeitam reciprocamente.

Assim ao interagirem, alunos e formadores, puderam vivenciar o respeito mútuo, pois diferentes pontos de vistas foram relatados, estimulando o senso crítico e a compreensão de diferentes conceitos. Nesse processo, o mediador não esteve, em momento algum, acima do aluno, mas ao seu lado, assumindo sempre uma postura de humildade e igualdade. Nem por isso foi destituído do seu papel de professor, muito pelo contrário, foi capaz de perceber-se como aprendiz de si mesmo. No fórum em questão sua relação afetiva é potencialmente observada no respeito aos alunos, às suas ponderações, inquietações e inquisições. É evidente a relação estabelecida entre os pares (alunos-alunos) e também entre mediador/formador e alunos, na qual é estabelecida parceria.

O desenvolvimento dessas atividades em grupo também exigiu um respeito à forma como cada um concebe o tempo e o espaço, pois alunos e formadores não necessariamente encontravam-se no mesmo local e ao mesmo tempo. Assim, o tempo e

o espaço passaram a ganhar nova significação a partir do sujeito, pois é ele que lhes dá sentido.

2.3 COOPERAÇÃO

Segundo PIAGET (1996 apud TERÇARIOL, 2003, p. 14), ao adotar o método ativo de Educação Moral/Valores⁴, faz-se necessário propiciar diferentes situações para que as atividades sejam desenvolvidas cooperativamente. Nesse sentido, ao interagirem neste fórum os alunos puderam vivenciar a cooperação, uma vez que todos se mobilizaram, buscando em diferentes fontes elementos que pudessem contribuir para a compreensão do conceito de aprendizagem colaborativa, conforme podemos verificar no registro abaixo:

Aluna 3, esta é a minha conturbada contribuição para o pensar-sobre aprendizagem colaborativa.(aluna 4)

Dessa forma, alunos e formadores, em parceria, desencadearam um processo de construção do conhecimento, pois a partir das contribuições, haviam os questionamentos que instigavam uma nova reflexão, conseqüentemente uma nova busca, contemplando o ciclo de aprendizagem descrição-execução-reflexão-depuração-descrição, proposto por VALENTE (1993). Nesse processo, ao usar o computador como uma ferramenta em um ambiente construcionista, o aluno deixa de executar tarefas pré-determinadas e passa a ser o programador descrevendo suas idéias, analisando-as, com o intuito de perceber se correspondem fielmente ao seu objetivo inicial e elaborando novas estratégias, quando necessário.

Para tanto, torna-se fundamental criar um ambiente no qual os alunos possam interagir, cooperando uns com os outros, contribuindo com informações e questionamentos, a fim de que um objetivo comum possa ser alcançado. VYGOTSKY (MARTINS, 2004, p. 04) salienta que “as possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que este se constitua como sujeito lúcido e consciente, capaz, por sua vez, de alterar as circunstâncias em que vive”.

As trocas entre as alunas aconteceram com muita fluidez e, atenta a tudo o que se passa e às necessidades das alunas, a mediadora/formadora, como colaboradora deste processo experienciado por todos, oferece sua “dose de alimento”. Veja abaixo:

Meninas

A aprendizagem decorre da interação do sujeito com o meio. Portanto, há o momento em que a pessoa se integra ao meio, troca informações e experiências e cria algo em conjunto, mas nesse movimento, ele retira as informações que lhe são mais significativas, incorpora-as, transforma-as na articulação com seus esquemas mentais e volta a agir no meio transformado e transformado e transformando esse meio. Refiro-me à dialética entre o inter e o intra-psicológico... (aluna 02)

A relação foi intimizada, como falamos anteriormente, e portanto, este tipo de relação, permite que as respostas sejam para todos, e isto inclui professores e alunos, juntos na mesma linha de respostas. Assim efetivamos o que o modelo alemão de Educação Superior nos deixou de herança: professores e alunos unidos pela pesquisa. Esta é, definitivamente, a grande evidência de que alunos e professores podem (e devem) transformar/re-significar suas relações, co-construídas nos valores emergentes nas interações, permeados pela Linguagem Emocional, a fim de possa ocorrer realmente uma aprendizagem colaborativa significativa para todos os sujeitos envolvidos no processo.

Com a busca constante de teorias foram emergindo a partir das leituras realizadas inquietações, gerando um ambiente muito rico favorável à aprendizagem de todos, pois ao socializar suas dúvidas os alunos inconscientemente instigavam os colegas a refletirem sobre determinadas questões, levando-os a reavaliarem suas ações e posturas. Assim, além de vivenciar, os sujeitos envolvidos no processo também puderam refletir e constatar que “a aprendizagem colaborativa demanda uma postura cooperativa” (MAÇADA E TIJIBOY, 1998 apud BEHRENS, 2000, p. 35).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a disciplina oferecida no 2º semestre de 2003 "Formação de Professores em Ambientes Digitais", no Programa de Pós-Graduação em Educação e Currículo da PUC/SP/Brasil, lançando um olhar sobre o fórum “Aprendizagem Colaborativa e Paradigma Emergente” alguns aspectos chamaram-nos a atenção.

Dentre eles gostaríamos de salientar a Linguagem Emocional utilizada pelo mediador/formador que revelou, ao longo das interações, uma preocupação com o tema central do fórum: a colaboração. Desse modo, suas contribuições e a linguagem utilizada para ofertá-las, se fazia de forma clara e afetiva, favorecendo também a vivência dos valores diálogo, respeito, cooperação etc. Esta atitude revela a coerência e o compromisso do formador em promover a interação mediada, cujo objetivo está na construção de um ambiente que favoreça a aprendizagem individual e coletiva.

A importância de se desenvolver diferentes estratégias que instiguem os participantes a vivenciar a interação (autonomia, exposição de idéias) ficou muito evidente, pois realmente, como formadores, precisamos considerar que sempre iremos nos deparar com pessoas que ainda não têm essa habilidade desenvolvida. Nesse sentido, a frase "Mais que disponibilizar conteúdos ou criar design e recursos diferenciados, acho que a atenção de um gestor de cursos a distância deve estar na interação entre os participantes" (Aluna 01), levou-nos a refletir mais ainda sobre esta questão.

Um outro ponto que merece destaque refere-se às sínteses (ou fechamentos) dos fóruns temáticos. Percebemos que não houve esta prática em todos os fóruns e acreditamos que este procedimento seja de fundamental importância, pois auxilia a organização das idéias e das construções desenvolvidas pelo grupo em determinado momento do curso, além de evidenciar os diferentes enfoques valorizados pelo grupo, oportunizando um redimensionamento dos olhares e um desejo de aprofundamento nos assuntos emergentes. Talvez a expressão mais eficaz neste ponto, não seja fechamento, mas abertura, pois este recurso serviria para instigar a pesquisa e aprofundamentos dos temas debatidos.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que a partir destas análises e especialmente pela troca e construção coletiva deste trabalho, pudemos refletir e redimensionar nossa prática como formadores, pesquisadores e alunos a distância. Esta experiência ofereceu-nos a oportunidade de efetivamente desenvolver um trabalho colaborativo, onde todos os aspectos evidenciados em nossas análises foram também vivenciados em nossa co-construção enquanto grupo interativo.

NOTAS

1. As emoções podem ser compreendidas como: “manifestações/reações químicas e neurais do organismo, e estão relacionadas à preservação da vida do ser (homeostasia),

- portanto, de difícil (ou improvável) controle” (BRUNO, 2002, p. 49). Portanto, não acreditamos na aprendizagem de emoções, mas sim na expressão das mesmas.
2. Curso oferecido aos alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação: Currículo - PUC/SP/Brasil no segundo semestre de 2003.
 3. Na abordagem Construcionista o computador é usado como ferramenta, cria-se a possibilidade de enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento, uma vez que ele exerce o papel de quem ensina o computador, por meio de um software, possibilitando que as suas idéias sejam explicitadas, testadas e depuradas (TERÇARIOL, 2003, p. 70).
 4. A Educação Moral ativa supõe que o aluno possa fazer experiências morais e que a escola, como um ambiente de aprendizagem, constitui um meio próprio para tais experiências. Três pontos devem ser assinalados a este respeito: 1. na escola ativa, a Educação Moral não constitui uma matéria especial de ensino, mas um aspecto particular de toda a atividade escolar; 2. a escola ativa supõe necessariamente que as atividades sejam realizadas cooperativamente e 3. os procedimentos ativos, especificamente morais, se inspiram na noção de auto-governo (PIAGET, 1996 apud TERÇARIOL, 2003, p. 14).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. E. B. *Educação, projetos, tecnologia e conhecimento*. São Paulo: PROEM, 2001.
- ALMEIDA, M. E. B. B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (org) *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. São Paulo, Edições Loyola, 2003, p. 201-215.
- BEHRENS, M. A. Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente. In: MASETTO, M.; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.
- BRUNO, A. R. *A Linguagem Emocional em Ambientes Telemáticos: tecendo a razão e a emoção na formação de educadores*. 2002, 228 p. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BUXARRAIS, M. R. *La formación del profesorado en educación en valores: propuesta y materiales*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MARTINS, J. C. *Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo*. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=002> Acesso em: 16/05/04.
- PRADO, M. E. B. B.; MARTINS, M. C. *A Mediação Pedagógica em Propostas de Formação Continuada de Professores em Informática na Educação*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br>> Acesso em: 13/05/2004.
- ROCCO, Norai R. *Reflexões sobre a Pós-graduação a Distância*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/educacao/academico/foprop/documentos/pos_distancia.pdf> Acesso em: 02/05/2005.
- TERÇARIOL, A. A. L. *Um desafio na formação de educadores: a vivência e desenvolvimento de valores humanos usando as tecnologias*. 2003. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- VALENTE, J. A. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas, UNICAMP, 1993.